

SUJEITO E ENUNCIADO: A MEMÓRIA DA PRIMEIRA DAMA

Gabrielle Alves REIS¹

Roberta Teixeira NASCIMENTO²

Ana Paula Santos Leal MATIAS³

RESUMO: Objetiva-se com este trabalho provar que a formulação “bela, recatada e do lar” é um enunciado no sentido foucaultiano. Para tanto, estabelecemos como *corpus* de nossa pesquisa as matérias “Marcela Temer: bela, recatada e do lar” (*Veja*, 2016), “Primeira dama vai ganhar um novo nome” (*O Cruzeiro*, 1960) e “Grace Kelly é páreo duro para as princesas modernas” (*IG*, 2011). Utilizaremos como referencial teórico Foucault (2008) e (1995), Figueredo (2012), Fernandes (2005), e Gregolin (2005).

PALAVRAS-CHAVE: Sujeito; enunciado; memória; discurso político.

1. Introdução

“Marcela Temer: bela, recatada e do lar” assim é intitulada a chamada da matéria escrita por Juliana Linhares que foi publicada pela revista *Veja*, em 18 de abril de 2016, apresentando a então vice-primeira-dama Marcela Temer, com muitas idealizações de perfeição e boas maneiras que são praticadas e que fazem parte do cotidiano dessa. Podemos perceber que tais idealizações trazem à memória o padrão de mulher do passado, que davam prioridade ao cuidado de si, do lar e do marido. A figura de Marcela Temer, através das características expostas pela referida matéria, também traz à tona os discursos implementados sobre as possíveis primeira-dama de 1960 na matéria “Primeira-dama vai ganhar novo nome” escrita por Eurilo Duarte, publicada na revista

¹ Discente do Curso de Letras Vernáculas da Universidade do Estado da Bahia/*campus* XVIII - colegiado de Letras - IV semestre (gabsrsb@gmail.com)

² Discente do Curso de Letras Vernáculas da Universidade do Estado da Bahia/*campus* XVIII - colegiado de Letras - IV semestre (robertateixeira.ifba@hotmail.com)

³ Discente do Curso de Letras Vernáculas da Universidade do Estado da Bahia/*campus* XVIII - colegiado de Letras - IV semestre (paulinhaslealm@hotmail.com)

Mosaico (Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas - UNESP) São José do Rio Preto, SP - Brasil, 2017.

O Cruzeiro, em 1 de outubro de 1960. Assim pretendemos apresentar as regularidades encontradas nesse campo de memória, explanando trechos das entrevistas das esposas dos candidatos à presidência daquele ano, que salienta como essas lidavam com a vida pública “e, sobretudo, como agem elas na vida do lar.” (1960, p.7). O que difere a atual primeira-dama das outras três, sem dúvidas é sua beleza e juventude, a partir disso podemos identificar as dispersões que emergiram na atualização do enunciado “bela, recatada e do lar”, que surge através de traços de similaridade com a princesa Grace Kelly, tal materialidade é encontrada a partir de matérias que apresentam características sobre essa e reforçam ideais de perfeição através do sujeito princesa.

2. Revisão de literatura

Tendo em vista que o discurso, de acordo com a Análise do Discurso, é definido como um conjunto de enunciados que seguem a regra de formação comum, e que conforme a emergência destes, passam a ser suscetíveis à mudanças, recorreremos aos estudos de Foucault (2008), que nos mostram onde e quando cada discurso estava localizado, como os textos que tratamos remetem uns aos outros, organizando-se como uma figura única que carrega significações comuns à toda uma época, assim, faremos uso de tal conceituação para dar progressão ao presente artigo. Utilizaremos a obra *Arqueologia do Saber* (2008), de Michel Foucault, para trazermos à tona as questões da formação discursiva, da concepção do enunciado no discurso e também para embasar nossa metodologia de pesquisa, onde o autor apresenta condições para que essa análise seja realizada. Empregaremos também o texto *O sujeito e o Poder* (1995), ainda de Michel Foucault, para conceituarmos a posição do sujeito no discurso, e a ocorrência da apropriação dos discursos por este sujeito. Para salientarmos questões trazidas por Foucault, recorreremos aos estudos de Gregolin (2005), que aponta conceitos a partir da formação discursiva nos referidos estudos;

Figueredo (2012), que explica os conceitos de Foucault quando diz respeito as condições de existência do enunciado e conceito de sujeito, e, por fim, Fernandes (2005), que também enfatiza as questões sobre o sujeito e sobre a Análise do Discurso.

2.1 A construção do enunciado

Os discursos existem ao longo da história do mundo, em diversas vertentes e âmbitos, passando por alterações e (re)construções sociais, portanto, podemos compreender que nenhum discurso é novo, mas sim, uma repetição daquilo que já existe e que passou por uma série de rupturas. A Análise do Discurso, dentro de sua transdisciplinaridade, perpassa a linguística, enfatizando a questão do materialismo linguístico, que é compreendida também como a materialização dos discursos, onde é concebida a *formação discursiva* (Fernandes, 2005). Logo, podemos nos remeter aos estudos de Foucault, em *Arqueologia do Saber* (2008), que apresenta a *formação discursiva* como uma unidade para que o estudo dos pensamentos pudesse ser analisado. Dentro dessa perspectiva é apresentado o conceito de objeto do discurso, que tem a capacidade de se reconfigurar, tal objeto é sustentado por redes de saber, onde se materializa o enunciado.

Foucault (2008) apresenta cinco condições que, segundo ele, são necessárias para que haja um enunciado. A duplicação, segundo o autor, é a primeira condição de existência deste, segundo ele “uma série de signos se tornará enunciado com a condição de que tenha com "outra coisa" [...] uma relação específica que se refira a ela mesma - e não à sua causa, nem a seus elementos” (2008, p. 100). Sendo assim, podemos compreender que o enunciado precisa estar ligado à uma espécie de memória para que seja duplicado, para Gregolin (2005) “toda formulação possui, em seu “domínio associado” outras formulações que ela repete, refuta, transforma, nega, enfim, em relação às quais produzem-se certos efeitos de memória específicos.” (2005, s/n).

A segunda condição proposta por Foucault (2008) é a existência de uma posição de sujeito que o enuncie:

Para que uma série de signos exista, é preciso - segundo o sistema das causalidades - um "autor" ou uma instância produtora. Mas esse "autor" não é idêntico ao sujeito do enunciado; e a relação de produção que mantém com a formulação não pode ser superposta à relação que une o sujeito enunciante e o que ele enuncia. (FOUCAULT, 2008, p. 104).

De acordo com Figueredo, “O sujeito do enunciado é uma posição neutra, sem relação com o tempo ou o espaço, podendo ser ocupada por qualquer indivíduo” (FIGUEREDO, 2012, p. 24), sendo assim, entendemos que para que o enunciado exista é necessário que haja um sujeito que tenha produzido esse enunciado *a priori*.

A terceira condição para a existência do enunciado é a presença de um campo associado de memória:

[...] visto que não se trata de uma relação suplementar que vem se imprimir sobre as outras, não se pode dizer uma frase, não se pode fazer com que ela chegue a uma existência de enunciado sem que seja utilizado um espaço colateral; um enunciado tem sempre margens povoadas de outros enunciados. (FOUCAULT, 2008, p. 110).

Assim, podemos traçar a singularidade do enunciado a partir de sua ligação com as redes de memória, tendo como característica as associações que podem ser realizadas nesse enunciado, de acordo com Figueredo (2012), a existência desse enunciado é “uma relação dada não por funções ou relações sintagmáticas, mas pela coexistência.” (FIGUEREDO, 2012, p.25).

A quarta condição é a da materialidade sequencial que compõe o enunciado, é necessário que haja uma materialidade física para que este seja analisado. Segundo Foucault (2008):

[...] a materialidade desempenha, no enunciado, um papel muito mais importante: não é simplesmente princípio de variação, modificação dos critérios de reconhecimento, ou determinação de subconjuntos linguísticos. Ela é constitutiva do próprio enunciado: o enunciado precisa ter uma substância, um suporte, um lugar e uma data. (FOUCAULT, 2008, p. 114).

Sendo assim, podemos compreender que a materialidade pode existir de diversas maneiras, como imagens, textos, arquiteturas e etc. (FIGUEREDO, 2012), pois tais materialidade podem ser associadas a uma memória, tornando-se assim um enunciado.

A quinta concepção trazida por Foucault (2008) é chamada de materialidade repetível, pois partindo do pressuposto de que a materialidade física é carregada de memória, então a materialidade repetível nada mais é do que a repetição dessa. Segundo o autor:

Essa materialidade repetível que caracteriza a função enunciativa faz aparecer o enunciado como um objeto específico e paradoxal, mas também como um objeto entre os que os homens produzem, manipulam, utilizam, transformam, trocam, combinam, decompõem e recompõem, eventualmente destroem. [...] o enunciado, ao mesmo tempo que surge em sua materialidade, aparece com um status, entra em redes, se coloca em campos de utilização. (FOUCAULT, 2008, p. 118).

Foucault (2008) também apresenta a noção de arquivo, que é composto por um sistema de enunciados:

Ao invés de vermos alinharem-se, no grande livro mítico da história, palavras que traduzem, em caracteres visíveis, pensamentos constituídos antes e em outro lugar, temos na densidade das práticas discursivas sistemas que instauram os enunciados como acontecimentos [...] e coisas. (FOUCAULT, 2008, p. 146)

Sendo assim, chegamos a compreensão de que o arquivo é constituído de diversos enunciados que se formaram e transformaram, regendo o enunciado como um aparecimento singular.

2.2 O sujeito e o discurso

Conforme os estudos de Foucault apresentados no texto *O sujeito e o poder* (1995), podemos afirmar que o sujeito não é senhor do seu dizer, pois o dizer já está construído, sendo assim, há apenas a apropriação dessa posição por parte do sujeito. De acordo com Figueredo (2012), Foucault (1995) propõe que o sujeito é histórico, sendo produto da história que o permeia, pois: “O sujeito não determina a história, é a história que determina o sujeito” (p.26). Fernandes (2005), salienta ainda que o sujeito discursivo é um ser social, não sendo concebido numa individualidade, mas sim existente num espaço social e ideológico. Segundo o autor : “A voz desse sujeito revela o lugar social; logo, expressa um conjunto de outras vozes integrantes de dada realidade histórica e social; de sua voz ecoam as vozes constitutivas e/ou integrantes desse lugar sócio-histórico.” (2005). Pode-se afirmar que o discurso do sujeito está em outro, numa exterioridade social, ocorrendo assim a descentralização do sujeito. Foucault (1995) frisa também sobre o exercício do poder sobre esse sujeito, para ele a constituição do sujeito se dá por conta desse poder:

Quando definimos o exercício do poder como um modo de ação sobre as ações dos outros, quando as caracterizamos pelo "governo" dos homens, uns pelos outros - no sentido mais extenso da palavra, incluímos um elemento importante: a liberdade. O poder só se exerce sobre "sujeitos livres", enquanto "livres". (FOUCAULT, 1995, p.244).

Figueredo (2012), salienta que para Foucault, o sujeito é uma posição que pode ser ocupada por diversos sujeitos empíricos, em momentos diferentes, o que o torna uma construção histórica, sendo constituído em variadas relações de poder e saber, em diferentes verdades, “cada época ele tem uma verdade que lhe perpassa e, portanto, produz posições de sujeitos diferentes” (p.28).

Visto isso, daremos progressão ao presente artigo partindo das concepções trazidas pelos referidos teóricos, analisando o enunciado a luz dos estudos foucaultianos, tendo como objetivo responder o seguinte questionamento: quais materialidades linguísticas podem comprovar que “bela, recatada e do lar” é de fato um enunciado? A hipótese levantada é de que as matérias que analisamos podem constatar que de fato “bela, recatada e do lar” é um enunciado, pois suas características condizem com as condições de existência do enunciado.

Assim apresentaremos as matérias que constituem nosso *corpus*. As matérias que serão utilizadas fazem parte de duas regularidades temporais: metade do século XX e início do século XXI, acreditamos assim, que esse fato faz com que uma das condições da existência do enunciado que é apresentado por Foucault (2008) seja afirmado. Destarte, podemos observar que a memória que é estabelecida no enunciado tem sua repetição correspondente a materialidade discursiva manifesta nas matérias que serão o nosso objeto de análise.

Título da matéria	Ano de publicação
“Primeira dama vai ganhar um novo nome”	01 de outubro de 1960
“Grace Kelly é páreo duro para as princesas modernas”	04 de maio de 2011
“Marcela Temer: bela, recatada e do lar”	18 de abril de 2016

I - Matérias e Anos de publicação Fonte: elaborado pelas autoras

Nossa pesquisa tem como objetivo geral mostrar como as formulações linguísticas feitas em torno da primeira dama Marcela Temer reutilizam/constituem um enunciado que dá a ver o lugar da mulher no discurso político do Brasil, que pode ser resumido em: cabe a mulher ser a bela, recatada e do lar. Pretendemos provar que o mesmo é um enunciado ao retomarmos a presença das cinco condições descritas por Foucault (2008) na obra *Arqueologia do saber*, são estas a duplicidade, posição do sujeito, campo associado de memória e materialidade sequencial e repetível. Também será agregada a essa análise a descrição da posição do sujeito e de sua apropriação do discurso.

3. Análises

Buscamos apresentar em nossa análise a emergência do enunciado “bela, recatada e do lar” no sujeito primeira-dama, e como a atualização desse campo de memória, além de apresentar regularidades, apresenta também uma dispersão, evidenciando que a primeira-dama além de ser recatada e do lar, precisa agora ser bela. De acordo com Foucault (2008), o enunciado sempre irá emergir com alguma atualização, não se mostrando do mesmo jeito, atribuindo-se um significado investido a esse pela instituição que o autoriza ser dito, sendo assim uma dispersão que se manifesta nas diferentes modalidades enunciativas. Podemos notar que o enunciado “bela, recatada e do lar” atualiza dois campos de memória específicos: o da esposa e o da princesa. Ambos compõem a imagem idealizada na primeira-dama Marcela Temer, esta que aparece como alguém que reforça o papel da mulher num âmbito político: aquela que deve ficar ao lado do marido, sendo submissa, bela, maternal e esposa, mas nunca sendo aquela que governa e lidera. Visto isso, analisaremos inicialmente as regularidades encontradas em nosso *corpus*, que é o ideal de esposa no sujeito primeira-dama, e posteriormente a dispersão encontrada, que

é a atualização do enunciado através do sujeito princesa, que reforça a construção social de que a mulher deve ser bela, tanto esteticamente, quanto moralmente.

3.1 Marcela, a esposa

A reportagem de Eurilo Duarte para a revista *O Cruzeiro*, ano 1960 edição 0001, de título “Primeira dama vai ganhar novo nome”, na legenda da primeira foto faz uma ressalva sobre a atual primeira dama Sarah Kubitschek que [...] Em Brasília como no Rio, [...] se dedicou à assistência social.

A reportagem sugere três das possíveis futuras primeiras damas daquela época: Dona Leonor, Dona Eloá e Dona Antonieta. É muito categórico quando explicita que “seus maridos, candidatos, apresentaram seus programas de governo e elas como primeiras damas em potencial, também têm suas ideias, seus planos, suas decisões”. Tal qual a primeira dama Sarah Kubitschek, as preocupações das três possíveis primeiras damas no que se refere a política nacional restringe-se, não coincidentemente, à assistência social, acrescentando-se a assistência social de cunho assistencialista. A revista “ouviu parentes. Ouviu amigos. Sabe o que cada uma pensa da assistência social. E como o mais importante era o lar. Como entendem a atuação da mulher na vida do País. E, sobretudo, como agem elas na vida do lar. Enfatizando o conhecimento de quem é essa primeira dama e o que faz dentro e fora do lar”.

Daqui para frente analisaremos a não coincidência de todas as primeiras damas, Marcela Temer, Sarah Kubitschek e as três possíveis primeiras damas se voltarem para a assistência social, partindo da ideia de que, essa assistência se caracteriza na verdade como assistencialismo. Para tanto faremos uso da obra *A Casa & a Rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*, de Roberto DaMatta (1987). Em sua obra, o autor faz uma distinção entre casa e rua, que para ele são espaços que definem posturas sociais e de comportamento, a partir desta perspectiva ele aponta características e distinções de cada uma.

Mosaico (Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas – UNESP) São José do Rio Preto, SP – Brasil, 2017.

“Casa” e “rua” são categorias sociológicas para os brasileiros, estou afirmando que, entre nós, estas palavras não designam simplesmente espaços geográficos ou coisas físicas comensuráveis, mas acima de tudo entidades, domínios culturais institucionalizados e, por causa disso, capazes de despertar emoções, reações leis, orações, músicas e imagens esteticamente emolduradas e inspiradas (DAMATTA, 1987, p. 08).

A nossa sociedade é dividida num universo privado da família, dos compadres, parentes e amigos. É uma sociedade que trata seus membros de formas diferenciadas, definidas pelas diferentes relações em diferentes situações e diferentes ambientes. Uma lógica relacional, pois, estamos sempre querendo maximizar as relações. Há nessa teia de relacionamentos sociais uma ideia de que as pessoas posicionadas em ligações pessoais passam a ser automaticamente tratadas como amigas, que podem ser uma fonte de poder, como meios de manipulação social e política, que funciona a base de favores.

Diante de certos problemas e relações, preferimos englobar a rua na casa, tratando a sociedade brasileira como se ela fosse uma “grande família”, vivendo “debaixo de um amplo e generoso teto”, obedecendo naturalmente às leis e seguindo a liderança de quem produz o discurso que é, naquele momento, o “nosso líder” e o “nosso guia pai” [...] O resultado é um discurso onde a pessoa, a casa e suas simpatias constituem a moldura de todo o sistema, criando uma ilusão de presença, honestidade de propósitos e, sobretudo, de bondade generosidade e compromisso com o povo [...] todas as questões são tratadas debaixo de um prisma pessoal e “caseiro”, familiar, doméstico (DAMATTA, 1987, p. 09).

Essa relação nos ajuda a pensar sobre o porquê de as mulheres acabarem sempre se voltando para a assistência social, o feminino assume um aspecto relacional fundamental nessa estrutura ideológica brasileira, de mediadoras, que ligam o interno com o externo, a imagem

da mulher faz parte da gramática de espaços constituída de ações e reações, onde o interior das casas, reservado às mulheres, que é como um santuário onde os estranhos não são bem vindos, tendo como extensão da casa este espaço dentro da política que oferece menos perigo.

Em todo caso, se a casa distingue esse espaço de calma, repouso, recuperação e hospitalidade, enfim, de tudo aquilo que define a nossa ideia de "amor", "carinho" e "calor humano", a rua é um espaço definido precisamente ao inverso. Terra que pertence ao "governo" ou ao "povo" e que está sempre repleta de fluidez e movimento. A rua é um local perigoso (DAMATTA, 1987, p. 40).

No Brasil a sociedade sintetizou o seu lado tradicional simbolizando a casa como modelo para a sociedade e que tem em sua base divisões por sexo, cabe a mulher os cuidados com a família e pensando por essa perspectiva a assistência social é vista como a extensão da casa, onde se “encontra” esse cuidado que se espera das mulheres.

[...] "ser posto para fora de casa" significa algo violento, pois, se estamos expulsos de nossas casas, estamos privados de um tipo de espaço marcado pela familiaridade e hospitalidade perpétuas que tipificam aquilo que chamamos de "amor", "carinho" e "consideração". Do mesmo modo, "estar em casa", ou sentir-se em casa, fala de situações onde as relações são harmoniosas e as disputas devem ser evitadas. Não posso transformar a casa na rua e nem a rua na casa impunemente (DAMATTA, 1987, p. 38).

Uma sociedade como a brasileira, onde a mulher é conglomerada jurídica e politicamente pelo marido, com a pequena exceção, dentro de sua casa. Se a casa é vista como lugar de absoluta tranquilidade e segurança, onde somos supercidadãos com direitos e sem dever, na rua somos minicidadeiros com deveres e sem direitos.

SUJEITO E ENUNCIADO: A MEMÓRIA DA PRIMEIRA DAMA

[...]até hoje a sociedade parece fiel à sua visão interna do espaço da rua como algo movimentado, propício a desgraças e roubos, local onde as pessoas podem ser confundidas com indigentes e tomadas pelo que não são. Nada pior para cada um de nós do que ser tratado como "gente comum", como "zé-povinho sem eira nem beira", Nada mais dramático para alguém de "boa família" do que ser tomado como um "moleque de rua"; ou para uma moça ser vista como uma "mulher da vida" ou alguém que pertence ao mundo do movimento e do mais pleno anonimato (DAMATTA, 1987, p. 42).

Neste aspecto a distinção feita da rua é gritante, como um espaço público e perigoso representado como negativo. A casa é concebida como um lugar especial e aqui há uma tendência de ver o Brasil como uma grande casa brasileira, onde as pessoas se relacionam entre si por meio de laços de sangue, idade, sexo, vínculos de hospitalidade e simpatia, a casa como sendo uma metáfora da própria sociedade brasileira.

Não por acaso, como veremos a seguir, é reservado à mulher um espaço que mais se parece com o ambiente familiar, que remete ao cuidado e afetividade. Tornando assim o espaço reservado à mulher, dentro da política este espaço restrito de cunho assistencialista. Observando o perfil dos assistentes sociais no Brasil, fica ainda mais perceptível, quando estes são em sua maioria mulheres, o espaço reservado a mulher na política.

Trazendo o foco para a edição da revista *O Cruzeiro*, fica muito evidente que as favelas são uma preocupação das possíveis futuras primeiras damas.

D. Leonor: "O problema da favela a preocupa e está empolgada com o livro escrito pela favelada Carolina de Jesus." (*O Cruzeiro*, 1960, p.8)

D. Eloá: “Dona Eloá quer o fim das favelas” (*O Cruzeiro*, 1960, p.9)

Os seguintes enunciados demonstram uma preocupação das possíveis primeiras damas com as favelas (“aglomerados subnormais” segundo o IBGE) e não são por acaso, havia naquele momento um crescimento explosivo das favelas, que teve início nos anos 1940, quando o processo de industrialização do governo de Getúlio Vargas levou centenas de milhares de migrantes para o Distrito Federal, até 1970, quando as favelas expandiram-se para além da área urbana e para a periferia metropolitana.

Sendo assim, esta aproximação destas figuras é respondida, estudos feitos no Brasil nas décadas de 60 e 70 chamavam a atenção para a importância da casa para a compreensão das relações sociais no campo e na cidade, portanto era preciso compreendê-la como algo a mais que a necessidade de abrigo, o caso das favelas, era necessário se pensar uma estratégia para estes lugares como forma urbana e também sua relação com as políticas públicas.

Entre as regularidades que se apresentam está marcada na construção do sujeito esposa as condições que se esperam das mulheres, em especial das primeiras damas que são vistas como “ideal de mulher” é o que está refletido em suas personalidades, rotinas e atitudes que estão expostas nas seguintes matérias como vemos em trechos como “em todos esses anos de atuação política do marido, ela apareceu em público pouquíssimas vezes.” (*Veja*, 2016, s/n).

São elas mulheres tímidas, de pudor, que zelam pelo seu lar e reputação. Nota-se claramente nos trechos apresentados desde a primeira até a última matéria, os atributos que uma mulher digna, recatada e do lar deve ter. Muito embora duas delas, Dona Antonieta e Marcela Temer tenham trabalhado fora de casa, as prerrogativas que as fizeram passar por isso, são bem justificadas. A primeira, tendo ingressado na carreira de professora, para manter o filho pequeno e o pai doente, porque ficou viúva muito jovem, não tendo escolha, e só pôde encerrar essa mesma carreira com a aposentadoria, porque ainda

não havia se dado em matrimônio para seu segundo marido. Já Marcela Temer, teve uma curta carreira como recepcionista, sendo encerrada com o casamento, onde tem como principal “função” o bem estar de seu filho e marido. Beauvoir (1970) explana que:

“Com o advento do patriarcado, o macho reivindica acremente sua posteridade; ainda se é forçado a concordar em atribuir um papel à mulher na procriação, mas admite-se que ela não faz senão carregar e alimentar a semente viva: o pai é o único criador. [...] é o aparecimento da família patriarcal baseada na propriedade privada. Nessa família a mulher é oprimida. ” (BEAUVOIR, 1970, p.29).

A autora segue toda sua narrativa na obra *O segundo sexo: fatos e mitos* (1970), tratando de maneira detalhada a condição da mulher em seus aspectos físicos, psíquicos, biológicos, entre outros. E nos traz a seguinte indagação: “Como encontrar a independência no seio da dependência?” E é desta perspectiva que percebemos a construção histórico/social em que a mulher esteve inserida. A regularidade temporal entre os enunciados é grande, e muito embora direitos tenham sido conquistados pelas mulheres, tais construções sociais sobre a figura da mulher continuam pertinentes, mesmo que muitas vezes de maneira velada.

Os trechos a seguir demonstram as emergências deste discurso e suas repetições, onde a mulher/esposa é reafirmada em suas características familiares, de recato, modestidade e que cumprem tarefas por prazer e zelo, o que fazem dentro e fora do lar e o que finalmente liga cada uma delas, que tem como o mais importante o lar.

Trecho 1:

Dona Leonor: “É contra o “feminismo exaltado” admitindo que a mulher trabalhe fora do lar somente para manutenção da família” (*O Cruzeiro*, 1960, p.8)

Trecho 2:

Dona Eloá: “É apontada como possuidora de hábitos simples e modestos. Não gosta de luxar. Muitos dos seus vestidos e da sua filha, são feitos em casa por suas mãos.” (*O Cruzeiro*, 1960, p.9)

Trecho 3:

Dona Antonieta: “E muitas blusas distribuídas pelas Pioneiras Sociais saíram das mãos habilidosas de Dona Antonieta, que também é admirável cozinheira, mestra em quibebe de abóbora, couve à mineira e quitutes tradicionais.” (*O Cruzeiro*, 1960, p.10)

Trecho 4:

Marcela Temer: “A quase primeira-dama, 43 anos mais jovem que o marido, aparece pouco, gosta de vestidos na altura dos joelhos e sonha em ter mais um filho com o vice” (*Veja*, 2016)

Na construção do sujeito esposa, todas têm como principais características ser “do lar”. É possível relacionar e multiplicar as citações que afirmam que as mulheres não podem ser igualadas aos homens, onde toda sua história foi feita e contada pelos mesmos, que pregam de maneira mais que evidente que sua função primordial deve ser caseira e materna e isto fica explícito com os enunciados dentro da matéria, “mesmo com um pequeno exército de empregadas, Dona Leonor faz questão de ir olhar a comida.” (*O Cruzeiro*, 1960). As exigências que compreendem o conceito de uma mulher exemplar que além de ser bonita precisa saber se portar de acordo com os preceitos de uma sociedade machista, nunca deixando se sobrepor aos homens/maridos. Os maiores méritos de uma mulher digna e honrada é ser mãe, uma esposa dedicada e submissa, sendo assim, pode ser considerada como a “rainha do lar”, digna de ser louvada e santificada.

Após 56 anos da primeira matéria que compõe o presente artigo, este discurso volta a emergir através da figura de Marcela Temer, como a mulher que todas deveriam ser ou almejar, à sombra, nunca à frente. E mesmo que a quantidade de anos seja grande e as mulheres tenham conquistado muitos espaços, os enunciados emergem com atualizações, mas mantendo a mesma essência. Segundo Pateman:

[...] as mulheres e a vida doméstica simbolizam a natureza. A humanidade pretende transcender uma existência meramente natural, de maneira que a natureza sempre se considera como algo de ordem inferior à cultura. A cultura se identifica com a criação e o mundo dos homens porque a biologia e os corpos das mulheres lhes aproxima mais à natureza e porque a educação dos filhos e as tarefas domésticas [...] as mulheres e a esfera doméstica aparecem como algo inferior à esfera cultural e as atividades masculinas, de maneira que as mulheres se consideram como seres necessariamente subordinadas aos homens (PATEMAN apud STREY, 2004, p. 39).

A mulher é sempre caracterizada e limitada ao espaço privado “do lar” e tem como principais características a emoção, o amor e intuição, como fica claro nos fragmentos das matérias referidas: “Dona Paulina, sua secretária, recebe muitos convites para Dona Leonor comparecer a recepções. Quase sempre são recusados.” (*O Cruzeiro*, 1960), enquanto ao homem é deliberado o espaço público, cultural com total acesso à política e a cultura e suas principais características são razão, força, justiça, lhe condicionando assim ao espaço social de poderio e à mulher resta a segurança do lar e o seu cotidiano de estar sempre depois daquele que tem por “direito” seu lugar de destaque, o que demonstra o delineamento.

Retomando os conceitos de Foucault (2008), compreendemos que o discurso se dá através de um conjunto de enunciados, na medida em que se apoiem na mesma formação discursiva. Tendo como condições de enunciado a duplicidade que está exposta nas matérias que se encontram em nosso *corpus*, ambas trazem o mesmo sentido, tratando da valorização das características do que é ser mulher. A posição do sujeito que se constitui como esposa, o campo associado de memória, que se dá através das primeiras damas e, por fim, a materialidade sequencial e repetível de memória através da revista *O Cruzeiro*, e física com a matéria da revista *Veja*, essas duas últimas, que se fundem em uma só. De tal modo, é então concebida a posição do sujeito “esposa”,

sendo as primeiras damas esposas de prestígio, vistas como “modelo” a ser seguido, assim, a repetição do sentido nas revistas constrói, portanto, uma regularidade que nos levam a afirmar a construção do enunciado.

3.2 Marcela, a princesa

A dispersão marcada na construção do sujeito Marcela Temer é a de mulher enquanto bela. Figueredo (2012) mostra que a mulher além de ter passado pela idealização de maternidade e reprodutora no lar, veio a ser também um objeto de desejo do homem, assim teve que passar por uma súbita construção de beleza que pudesse dar prazer ao seu esposo e, Beauvoir (1970), salienta que “na sociedade burguesa, um dos papéis reservados à mulher é *representai*’; sua beleza, seu encanto, sua inteligência, sua elegância são os sinais exteriores da fortuna do marido [...]” (p.219). Pode-se perceber que tal conceito está claramente exposto na matéria sobre a atual primeira-dama, que foi publicada pela revista *Veja*, em 18 de abril de 2016, intitulada “Marcela Temer: bela, recatada e do lar”, reforçando ideais de beleza presentes na imagem dessa. Assim, podemos notar que foi construída uma idealização de princesa para com a primeira-dama Marcela Temer, visto isso, faremos um paralelo com Grace Kelly, atriz e posteriormente princesa de Mônaco, que é mencionada na matéria “bela, recatada e do lar”.

Apresentaremos a seguir trechos que mencionam a beleza física e traços do caráter de ambas, que salientam a ideia de uma beleza moral e pureza de alma.

Trecho 1:

Por algum tempo, frequentou o salão de beleza do cabeleireiro Marco Antonio de Biaggi, famoso pela clientela estrelada. Pedia luzes bem fininhas

e era “educadíssima”, lembra o cabeleireiro. [...] Na opinião do cabeleireiro, Marcela “tem tudo para se tornar a nossa Grace Kelly”. (Veja, 2016, s/n)

Trecho 2:

“Marcela sempre chamou atenção pela beleza, mas sempre foi recatada”, diz sua irmã mais nova, Fernanda Tedeschi. (Veja, 2016, s/n)

Trecho 3:

Porque Grace encarnou nas telas as qualidades que o senso comum parece desejar numa princesa [...]: beleza clássica e virginal, elegância, sofisticação, fleuma, austeridade, maneiras aristocráticas etc etc. (Portal IG, 2011, s/n)

Podemos notar nos trechos apresentados, que o discurso de beleza física e moral é marcado por repetições. Figuramos que as características de beleza descritas são especificadas por educação, recate, elegância, sofisticação, boas maneiras, que são, de certo modo, ligados à pureza. Assim, constatamos que há um delineamento sutil de padronização de princesa em relação à Marcela Temer, apresentando vestígios que a moldem nessa característica, destacando o fato de Michel Temer ter sido o seu primeiro namorado e de sua mãe tê-la acompanhado no primeiro encontro do casal, reforçando o estereótipo de princesa puritana, assim como é referenciada a princesa Grace Kelly. Figueredo (2012) mostra que “a mulher bela é aquela que permaneceu sob os cuidados atentos da família, é bem educada e bem criada, não teve contato com o mundo, viveu como que em uma redoma de vidro [...]” (p. 50), dessa forma é enfatizado que a mulher ideal deve ser de fato como uma princesa, tanto na beleza física quanto em sua criação, atitudes e caráter, que em seu matrimônio terá como prioridade o marido e o lar, sendo submissa e recatada, sem deixar sua beleza e pureza se esvair. Beauvoir destaca que “a mulher ideal é perfeitamente estúpida e submissa; está sempre preparada para acolher o homem e nunca lhe pede nada.” (1970, p.247). Dessa forma, é visível a construção do sujeito mulher bela elaborado em traços que o caracterizam.

Em vista do que foi exposto, podemos retomar os preceitos de Foucault (2008) acerca do enunciado, sabendo que a duplicidade é uma condição de existência do mesmo, vimos que o termo “bela” se repete em ambas as matérias apresentadas em nosso *corpus*. Como afirma Figueredo (2012) “os enunciados são capazes de se repetir porque são construídos em uma rede de formulações que remetem a um domínio de memória” (2012, p. 51), assim, nos remetemos ao domínio da memória que é apresentado por Foucault (2008), que está associada a repetição presente na matéria “Marcela Temer: bela, recatada e do lar”, quando esta retrata traços do caráter e beleza da princesa Grace Kelly, manifestando-se como um acontecimento e/ou atualização de ditos anteriores. Nesse domínio de memória, o enunciado se mostra de maneira diferente, tomando um novo significado, num novo contexto no qual ele é investido. Assim podemos caracterizar o enunciado “bela” como uma dispersão, pois a emergência deste se atualizou adicionando o ideal de princesa ao sujeito primeira-dama, esta não deve ser somente uma esposa recatada e do lar, mas também precisa ser bela, tornando-a um objeto de beleza que será exibido ao lado de seu marido, o presidente. De acordo com Foucault:

[...] as diversas modalidades de enunciação, em lugar de remeterem à síntese ou à função unificante de um sujeito, manifestam sua dispersão nos diversos status, nos diversos lugares, nas diversas posições que pode ocupar ou receber quando exerce um discurso, na descontinuidade dos planos de onde fala. (FOUCAULT, 2008, p.61).

Visto isso, podemos entender que o diferencial da primeira-dama Marcela Temer é apresentar em si uma idealização de princesa, que demonstra algo puro, virginal e belo, uma mulher que passa a ser um objeto de desejo dos homens, pois carrega todo um aparato de submissão, recate, beleza e juventude, sendo assim um sortilégio para

qualquer homem que a tiver ao seu lado. Isso também é marcado ao final da matéria “Bela, recatada e do lar”, que após apresentar diversas situações que enaltecem a primeira-dama como sendo uma mulher dos sonhos, conclui-se com a frase “Michel Temer é um homem de sorte.” (2011, s/n).

Compondo a segunda condição de existência do enunciado, que é a posição do sujeito que o enuncia, segundo Foucault (2008), podemos notar que foi estabelecido, no discurso apresentado na matéria, os critérios que caracterizam a primeira-dama Marcela Temer no sujeito princesa: a beleza física e o recate. Destarte nos intencionamos em apresentar que, em diferentes enunciações, tal sujeito se construiu dentro de um discurso através das relações que foram estabelecidas neste, e pela significação atribuída no deslocamento obtido em sua dispersão. De acordo com essa concepção Foucault (2008) afirma que:

O discurso, assim, concebido, não é a manifestação, majestosamente desenvolvida, de um sujeito que pensa, que conhece, e que o diz: é, ao contrário, um conjunto em que pode ser determinada a dispersão do sujeito e sua descontinuidade em relação a si mesmo. É um espaço de exterioridade em que se desenvolve uma rede de lugares distintos. (FOUCAULT, 2008, p. 61).

Para a terceira condição de existência do enunciado, que é o campo associado de memória, foi trazida à tona a memória da princesa Grace Kelly, que faz com que ocorra a dispersão no sujeito primeira-dama, adicionando o ideal de beleza através do sujeito princesa que foi idealizado nessa. Esse campo associado de memória é caracterizado por um já-dito, de acordo com Foucault (2008), por uma reformulação e/ou repetição, tendo assim uma coexistência dentro de uma rede de memória que “ora se repete, ora se dispersa em alguns pontos” (FIGUEREDO, 2012, p.25).

A materialidade sequencial apresentada aqui como a quarta condição de existência do enunciado, é carregada de memória, mostrando que há uma repetição da construção do sujeito princesa na

matéria “bela, recatada e do lar”, a base dessa idealização está presente na matéria sobre a princesa Grace Kelly, que explana os adjetivos que fazem com que essa seja desejada e bela, sendo assim um já-dito que se repete na materialidade que sustenta toda essa idealização e construção de perfeição sobre a atual primeira-dama Marcela Temer. A quinta condição se funde a quarta pois diz respeito sobre a materialidade física desse enunciado, essa está presente no *corpus* apresentado no presente artigo, salientando a repetição do enunciado “bela” que emerge dentro de dispersões entre a princesa Grace Kelly e a atual primeira-dama Marcela Temer.

Considerações finais

É fato que nunca foi reservado para a mulher um lugar de liderança e governo. Mesmo com um histórico de lutas por equidade de gênero, os discursos continuam a vir à tona para reforçar a posição social para a qual a mulher foi designada, que é ser do lar, ser esposa, ser mãe e ser recatada. Nesse sentido, com base em nossas análises, concluímos que “bela, recatada e do lar” provou-se um enunciado em sentido Foucaultiano, uma vez que as cinco condições por ele estabelecidas foram encontradas em nosso *corpus*. Salientamos que esse enunciado emergiu atualizando na figura da atual primeira-dama Marcela Temer a posição de sujeito da mulher no campo do discurso político, como afirma Foucault: “o novo não está no que é dito, mas no acontecimento de sua volta” (1971, p.26). Sendo esse retorno marcado por duas regularidades e uma dispersão caracterizadas, respectivamente, pelo assistencialismo presente nas posturas das possíveis primeiras damas de 1960, em sua caracterização de mulheres do lar, e pela idealização de beleza que agora compõe o sujeito primeira-dama.

REIS, G. A.; NASCIMENTO, R. T.; MATIAS, A. P. S. L. Sujeito e enunciado: a memória da primeira dama. *Mosaico*. São José do Rio Preto, v. 16, n. 1, p. 741-763, 2017.

SUBJECT AND STATEMENT: THE MEMORY OF THE FIRST LADY

ABSTRACT: The purpose of this work is to prove that the formulation "beautiful, modest and home" is a statement in the Foucaultian sense. For that, we established as corpus of our research the subjects "Marcela Temer: bela, recatada e do lar" (*Veja*, 2016), "Primeira dama vai ganhar um novo nome" (*O Cruzeiro*, 1960) and "Grace Kelly é páreo duro para as princesas modernas" (*IG*, 2011). We will use as theoretical reference Foucault (2008) and (1995), Figueredo (2012), Fernandes (2005), and Gregolin (2005).

KEYWORDS: Subject; statement; memory; political speech.

Referências Bibliográficas

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: fatos e mitos*. 4 ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.

DAMATTA, Roberto. *A casa & a rua*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987

DUARTE, Eurilo. Primeira dama vai ganhar um novo nome. *O Cruzeiro*. Rio de Janeiro. 01 de out. 1960. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=003581&pastano=ano%20196&p;pesq>>. Acesso em: 24 mai. 2017

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. 7 ed. Rio de Janeiro: Forense, 2008.

_____. O sujeito e o poder. In *Rabinow, P e Dreyfus. Foucault, Uma Trajetória Filosófica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

FERNANDES, Cleudemar Alves. *Análise do Discurso: reflexões introdutórias*. 2005. Disponível em: <http://www.sergiofreire.pro.br/ad/FERNANDES_ADRI.pdf>. Acesso em: 28 mai. 2017

FIGUEREDO, Talita Souza. *A estranha memória do corpo monstruoso: Sujeito e discurso do horror em seis contos da literatura brasileira do século XIX*. Dissertação (mestrado em Memória: Linguagem e Sociedade). Programa de

REIS, G. A. / NASCIMENTO, R. T. / MATIAS, A. P. S. L.

Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, 2012.

GREGOLIN, Maria do Rosário. *Formação discursiva, redes de memória e trajetos sociais de sentido: mídia e produção de identidades*. São Paulo, 2005. Disponível em

<https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/1293225/mod_resource/content/1/Gregolin_Formacao_discursiva_redes_de_memoria.pdf>. Acesso em: 25 mai. 2017

LINHARES, Juliane. Marcela Temer: bela, recatada e do lar. *Veja*. São Paulo. 18 de abr. 2016. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/brasil/marcela-temer-bela-recatada-e-do-lar/>>. Acesso em: 24 mai. 2017

RODRIGUES, Rute Imanishi. *Vida social e política nas favelas: pesquisas de campo no Complexo do Alemão*. Rio de Janeiro: IPEA, 2016. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/agencia/images/stories/PDFs/livros/Livro_VidaSocial_WEB.pdf>

STREY, Marlene Neves; CABEDA, Sonia T. Lisboa; PREHN, Denise Rodrigues. (Orgs.) *Gênero e cultura: Questões contemporâneas*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.